

BEÓ é um boletim produzido pelo Desembola na Ideia, projeto realizado pela AIC - Agência de Iniciativas Cidadãs com recursos destinados pela 23ª e pela 36ª Vara do Trabalho de Belo Horizonte, no bojo de ações civis públicas propostas pelo Ministério Público do Trabalho, e apoio da 23ª Promotoria de Justiça de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Belo Horizonte - Área Infracional -, assim como do PlugMinas - Centro de Formação e Experimentação Digital da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais.

BEÓ

BEÓ é um boletim (in)formativo, curto e breve, do Desembola na Ideia — projeto de atenção psicossocial para adolescentes em situação de vulnerabilidade, realizado pela AIC - Agência de Iniciativas Cidadãs. Ele circula onde lhe dá na telha, informando a quem interessar possa que os jovens que dão B.O. pensam e sentem, e que suas ocorrências geram reflexões profundas e demandam soluções urgentes.

EDIÇÃO Nº 3 - JULHO 2020

CURRICULO VITAL

COMEDORA DE PAISAGENS

16 anos, moradora do Morro das Pedras
adoro tirar fotos

RESUMO DAS HABILIDADES

Muito comunicativa e habilidosa,
gosto de aprender e adquirir

CURRICULO VITAL

MICHAEL JACKSON LIM

Nascido no bairro Cam...

Gosta de vender choc...

É um apreciador de...

Educação gentil, e

Gosta de tecnologia

videogames e celular.

ela vai arrasar na prop...

Frequentou a aula de jiuji...

culinária no Desembola

em um bom decoro.

CURRICULO VITAL

PASSADOR DE TEMPO

18 anos, morador do Jardim Vitória

RESUMO DAS HABILIDADES

Muito organizado, pontual, habilidoso,
gosto de aprender e aberto para novos aprendizados

gosto de aprender
VIRGINIANO, E NÃO DEIXO
PARA ÚLTIMA HORA.

EXPERIENCIA

Cuidador em psicultura

PESCADOR PACIENTE, já

dia todo para pegar

FORMAÇÃO COMPLEMENTAR

Guia turístico

aproveite a natureza

APRENDIZADO NA PRÁTICA

QUEM CONHECE O

As imagens e desenhos dessa edição do BEÓ foram realizadas com os adolescentes atendidos pelo Desembola na Ideia durante as oficinas ofertadas pelo projeto. Para mais informações sobre o projeto, acesse: <https://aic.org.br/atuacao/juventudes/desembola-na-ideia/>



Editorial

Musso Greco

Estamos registrando nosso terceiro BEÓ, e o tema é o trabalho. Esse é um mundo de impasse na vida dos adolescentes, e nos sentimos estimulados a procurar desenvolver com eles uma discussão sobre tal embaraço. “Oportunidade” é a palavra mais ouvida, quando perguntamos a eles o que falta para planejarem um futuro. Oportunidade, no singular, é “ensejo, circunstância vantajosa, ocasião oportuna, instante oportuno, ação de aguardar a melhor chance, efeito de possibilitar ou de desejar”, mas não dá para ignorar seu significado no plural: “situações externas, atuais ou futuras que, se adequadamente aproveitadas por um empreendimento, podem influenciá-la positivamente”.

A falta fica evidente em diversas dimensões da existência desses meninos e dessas meninas: na resistência da escola para acolher seus modos de vida e conhecimentos, o que os leva a abandoná-la precocemente, por volta dos 12 anos de idade; na inadequação das atividades profissionalizantes e dos requisitos para programas de aprendizagem juvenil ao perfil e à escolaridade média desse público; na inexistência de projetos educacionais de preparação para o trabalho que dialogue com as realidades concretas de suas existências; na dificuldade de acesso a espaços e bens culturais, que motivam o senso de pertencimento à cidade e estimulam desejos; na pobreza do vínculo afetivo com a família e o abandono, que resulta em ausência estrutural entre os adolescentes de uma base simbólica de autorrespeito e confiança; na ausência de ideais e de valores simbólicos para além dos imperativos de consumo do capitalismo; e na prevalência de impasses não tratados da adolescência, como a questão do futuro, da definição sexual, do lugar no mundo e da identidade, de como se é visto pelo outro social quando se é preto e pobre.

Há alguns caminhos para lidar com a questão do trabalho com adolescentes em situação de vulnerabilidade. As vivências artísticas, por exemplo, parecem conseguir mobilizar sua percepção de uma condição de serem “objetos” nas mãos dos adultos que comandam o tráfico, nada diferente daquela que veem acontecer com seus familiares no trabalho pouco valorizada construção civil ou do trabalho doméstico. As rodas de conversa com os psicólogos, por outro lado, aprofundam a discussão sobre a sensação de menos-valia no contexto familiar e social, da limitação de oportunidades e da necessidade de aceitarem que qualquer modificação virá de uma mudança de atitude e de perspectivas deles mesmos. Mas como fazê-los chegar aos programas socioassistenciais que poderiam prepará-los para a entrada no mundo do trabalho, quando eles se mostram tão resistentes a fazer parte de um mundo que, segundo eles, “não é pra nós”? Esse parece ser um desafio que não cabe apenas a esses adolescentes e jovens.

Como sonhar o futuro?

Marcelo Bizzotto Pinto e Olívia Viana

BEÓ perguntou aos adolescentes do Desembola na Ideia sobre as perspectivas que viam para o futuro, em relação ao mundo do trabalho. A frase onipresente foi: “eu é que não vou ser peão, prefiro ser patrão”, que tira do trabalho braçal qualquer dignidade, e aponta, perigosamente, o tráfico como uma via de “trabalho” (os chefes do tráfico são chamados de “patrão”).

É preciso oferecer aos adolescentes provocações, para questionar os modos produtivos no capitalismo, que lhes parece oferecer apenas o “trabalho de peão” — uma das poucas alternativas para quem é pobre como eles no Brasil —, retirando qualquer relação entre trabalho e prazer ou entre trabalho e escolha.

Não há como, de fato, associar o capitalismo com qualquer forma de libertação. Se esse sistema foi capaz de reproduzir-se, isso se deve somente à rede de desigualdades que

foi construída no corpo dos seres e na sua capacidade de globalizar a exploração. Tal processo segue desenvolvendo-se diariamente diante de nossos olhos. Servidão, trabalho forçado escravo, acumulação em grande escala, colocando seres humanos à disposição para sua exploração, cerceamentos e impedimentos de acesso. Os adolescentes precisam produzir interrogações, em lugar das certezas que proferem, de modo a modificar o lugar de enunciação do sujeito, para se autorizarem a experimentar novas posições no mundo.

Os jovens situam assim a questão do trabalho:

“Trabalho é importante por causa do dinheiro, é o que importa”;

“O trabalho faz a gente dar valor pras coisas”;

“Não é só trabalhar, é aprender uma profissão”;

“Cada um tem um dom, que é ter curiosidade pela coisa, tem a ver com vontade, mas os outro tem que botar fé no dom pra isso virar profissão”;

“Entrevista de trabalho é xáina [ruim], não pode usar gíria, tem que falar certo, ser educado para verem seu caráter. Bandido mau caráter não passa em entrevista, não”;

“Nós é mal falado, nós tá na mídia, nosso jeito de andar eles já criticam. Mas eu não mudo por causa de trabalho, não”;

“Como é que eu vou falar pros cara na entrevista que eu sou bom pra trabalhar, se eu nem sei se sou bom”;

“Se nós entra num lugar já acham que a gente é bandido, tem sempre a críticação. Então, eu nem vou [a entrevistas de emprego]”;

“O rico pode [querer ter as coisas, inclusive emprego], e a gente não pode”;

“Eu não vou mudar meu jeito, por isso que [se quiser ganhar dinheiro] tenho que ser dono do meu próprio negócio”;

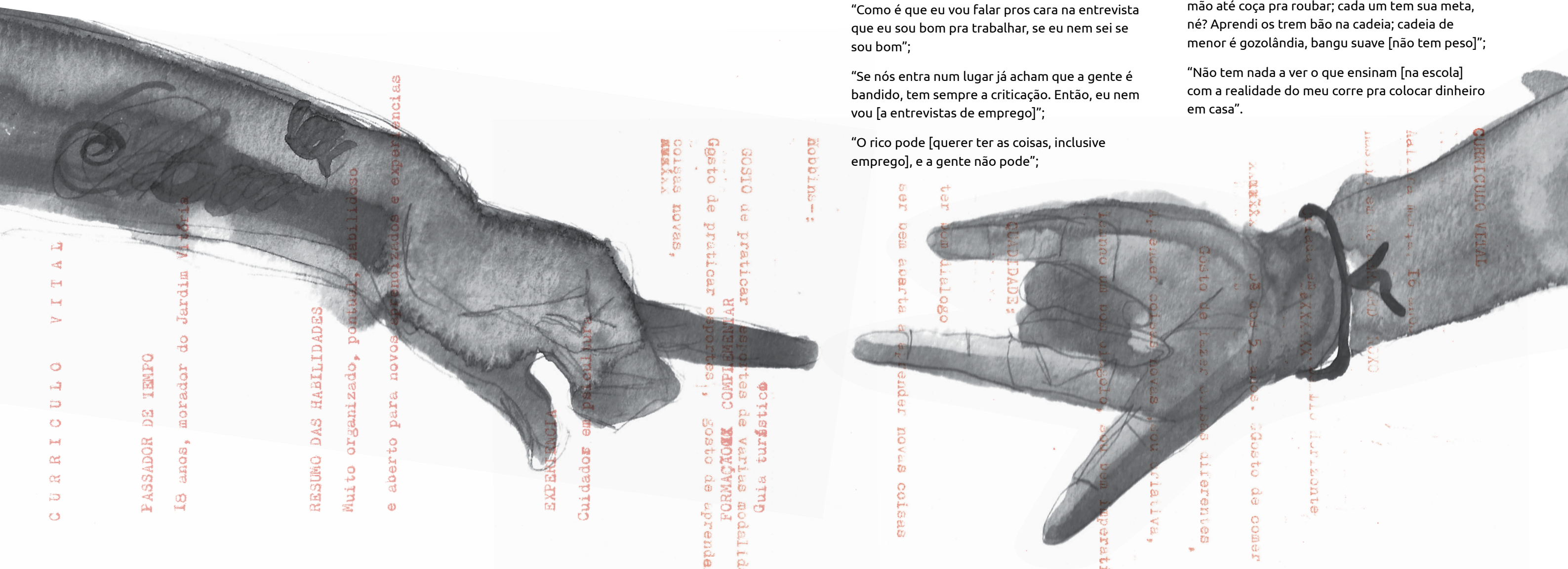
“É importante aprender a profissão para seguir, mas tem que ter o dom... e eu não tenho nenhum”;

“Tem mais valor o trabalho onde você aprende
mias, e vendendo droga você aprende... melhor
do que ser servente”;

“É melhor bater cabo [trabalhar na construção civil] que bater cadeia [cumprir pena em regime fechado]”;

“Quero emprego, não. Na cadeia você aprende, se sua mãe não tem tempo pra te ensinar, as pessoas e o mundo te ensinam. Eu tenho a mão leve, a mão até coça pra roubar; cada um tem sua meta, né? Aprendi os trem bão na cadeia; cadeia de menor é gozolândia, bangu suave [não tem peso]”;

“Não tem nada a ver o que ensinam [na escola] com a realidade do meu corre pra colocar dinheiro em casa”.

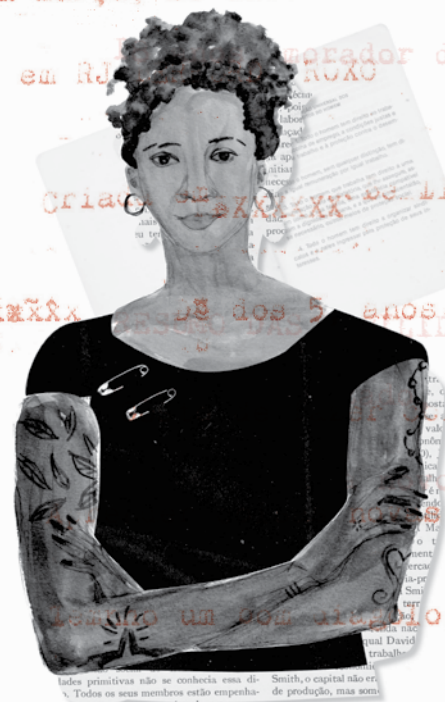


Profissões inventadas

Olívia Viana e Bianca Poppi

Ao apontarem os fatores que aproximam a morte de seus caminhos, os adolescentes em conflito com a lei que atendemos no Desembola na Ideia se referiram à falta de oportunidades de trabalho como razão para o envolvimento com a criminalidade, ou seja, com uma vida de risco aumentado. Segundo eles, a proibição de trabalharem antes dos 18 anos dificulta suas trajetórias, por não condizer com as necessidades da família. Quando abordam a questão profissional, explicitam uma escassez de possibilidades de escolha e, aos poucos, acabam revelando seus sonhos de infância: jogador de futebol, cientista, empresário, piloto de Fórmula 1, pesquisador, policial, cantor, pizzaiolo, veterinário, astronauta, engenheiro, agricultor, aviador, tatuador, desenhista, mergulhador... Evidencia-se, assim, uma certa oposição entre os desejos infantis, tão múltiplos, e as possibilidades atuais de emprego, localizadas por todos como apenas duas: servente de pedreiro ou traficante. Há, portanto, uma violência que opera de forma a restringir as possibilidades de estar no mundo para esses sujeitos. Propusemos, então, uma oficina de invenção de

profissões. Frente à escassez das oportunidades, instigamos a criação de trabalhos que não existem. Em volta de uma mesa, com papéis e lápis diversos, começamos uma conversa sobre ações absurdas. Nossa sugestão foi que os participantes inventassem uma profissão, a partir de uma ação que eles fazem ou gostam de fazer. Essa atividade exige que o educador seja bastante ativo, que mobilize a conversa, trazendo, junto com os adolescentes, uma possibilidade de invenção. Um dos jovens estava quieto. Quando o indagamos, disse que estava cheio de ideias, mas não queria falar. Foi um outro participante que nomeou: “você é pensador de segredos!” Outra, disse que gostava de organizar as coisas. “Organizadora de...” sem saber do quê, a conversa se desenrolou e ela começou a contar uma história pessoal. Até que uma colega entrevistou: “Nossa, você é dramática, né? Pode ser organizadora de dramas!” As profissões inventadas foram juntando vontades e características de cada um. Assim, surgiu um “glossário” que faz rir e pensar que o desejo pode estar presente na escolha de uma profissão.



Passador de tempo
Fazedor de nada
Organizadora de dramas
Chovedora de emoções
Procuradora de soluções
Libertador de papagaio
Acumuladora de ideias
Pensador de segredos
Comedora de paisagens
Apreciador de camas
Comedora de pintura
Tatuador da liberdade
Previsor do futuro
Imã de animais
Cantor de cabeças
Presidente do seu próprio mundo
Rabiscador de parede
Experimentador de cadeiras
Cuidador de aranhas

Um canteiro de obras

Louise Ganz

O questionamento dos adolescentes do Desembola na Ideia acerca do trabalho corporal como subalterno levou a equipe de artistas, psicanalistas e educadores sociais a se envolver em uma ação de escavação de um buraco para a construção de uma piscina — um retângulo de 4 x 7 metros e 70 cm de profundidade. Todas as etapas nesse canteiro de obras tiveram o trabalho braçal e o mutirão como modo de operar, e o entendimento da sequência de etapas, a continuidade e os ciclos de uso das matérias como elementos simbólicos para se pensar uma sociedade e o trabalho. A terra retirada foi empilhada em um monte que, a partir daí, deu muito o que fazer: barro a ser pisoteado e amassado, colocado em fôrmas para se produzir tijolos; tijolos utilizados e empilhados para levantar paredes e estruturar

espaços; barro útil para construir fogões, fornos e utensílios de uso na cozinha, como pratos, vasilhas, canecas e azulejos para acabamento. A poda de grandes árvores no local em torno da futura piscina gerou toras de madeira que foram reaproveitadas para a construção de móveis: bancos, cadeiras, poltronas, mesas, balanços. As ações, praticadas pela equipe junto com os meninos e as meninas, de modificar os materiais pelo trabalho corporal e pelo apoio mútuo, trazem para nós uma possível imagem do corpo autônomo e emancipado, em direção oposta ao corpo subalterno — aquele que é apenas mais uma parte, mão de obra, submisso, um auxiliar inferior dentro das lógicas da divisão e da exploração do trabalho. Imbuídos da ideia de mutirão, inauguramos a primeira etapa da obra, com o caráter

de grupo, de festividade e alegria, sem a rigidez ou linearidade de um processo de trabalho, como seria em um canteiro de obras padrão. Com certos movimentos padronizados e técnicas para operar ferramentas — como escavar, puxar, empurrar, revolver, desmanchar, amassar ou socar a terra —, mesmo sem conhecê-las, experimentamos formas de segurar e usar esses instrumentos, que pesam, cansam, geram suor ou criam calos, numa cadência e repetição, numa espécie de canto compartilhado por todos. Experimentamos, com o esforço físico, o trabalho em sua essência criativa e transformadora. Ao final, não construímos piscina alguma nem qualquer edifício. Mas, seguramente, relações, alianças, trocas e alegrias.

